

**A LITERATURA EM PERSPECTIVA NO ROMANCE *REPRODUÇÃO* DE
BERNARDO CARVALHO**

**LITERATURE IN PERSPECTIVE IN THE NOVEL, *REPRODUÇÃO* BY
BERNARDO CARVALHO**

Madalena Machado¹

Data de recebimento do texto: 22/07/2025

Data de aceite: 19/08/2025

Resumo: O artigo analisa "Reprodução", de Bernardo Carvalho, como crítica à sociedade marcada pelo senso comum. O recorte teórico ampara a leitura usando Kant (*sensus communis*), Barthes (efeito de real), Blanchot (vazio da linguagem) e Ricoeur (metáfora viva). A pesquisa, assim, enfoca o excesso discursivo para denunciar a ausência de reflexão e a fragilidade das relações no mundo contemporâneo.

Palavras-Chave: Reprodução. Realidade. Linguagem. Criação.

Abstract: This article analyzes Bernardo Carvalho's "Reproduction" as a critique of a society marked by common sense. The theoretical framework supports the reading using Kant (*sensus communis*), Barthes (effect of the real), Blanchot (emptiness of language), and Ricoeur (living metaphor). The research thus focuses on discursive excess to denounce the absence of reflection and the fragility of relationships in the contemporary world.

Keywords: Reproduction. Reality. Language. Creation.

¹ Professora e Pesquisadora na UNEMAT – Campus de Pontes e Lacerda-MT (BRASIL); Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL) – Campus de Tangará da Serra-MT e Credenciada no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLetras) – Campus de Sinop-MT na UNEMAT. É Graduada em Letras (UNEMAT); Mestre em Estudos Literários (UNESP); Doutora em Teoria Literária (UFRJ); Pós-Doutora em Literatura Brasileira (SORBONNE); Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Literatura “Manoel de Barros”; Líder do Grupo de Pesquisa: Literaturas na Interface entre o clássico e o contemporâneo (CNPq). Pontes e Lacerda-MT, Brasil. E-mail: dramadalena@unemat.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8404-4753>

1. O romance e o tempo

O romance *Reprodução* (2013) de Bernardo Carvalho traça um itinerário da figura do senso comum tão presente na vida diária e transplantada para a vida digital, como o próprio título já anuncia, reproduz clichês, preconceitos, opiniões generalizadas aos quais a literatura do escritor se atenta para promover reflexões no nosso tempo movido pela pressa e falta de senso crítico.

A forma selecionada por Carvalho para dar vida ao seu enredo, já é um prenúncio do que o leitor acompanha em seus personagens, sem nome, sem ideário nobre a ser atingido. Falas fragmentadas, desencontros pelo caminho, transposição temporal desde a nomeação de seus capítulos (Futuro, Passado e Presente), precedidos pela palavra “Língua”, desse campo semântico, surge uma cascata de palavras perfazendo um jorro verbal, na ânsia de dizer.

Também pontuamos como de relevância quanto à opção formal é a escolha dos personagens. Tudo gira em torno do estudante de chinês, o Delegado, a Agente infiltrada, a Professora de chinês. Não são individualidades que mereçam realce, é o que eles fazem que vem num primeiro plano narrativo, maneira de demonstrar a falta de importância dos seres pelo que eles são. Um paradoxo com o ideário teórico para a compreensão do herói trágico anunciado por Aristóteles. Nesse pensador, encontrávamos o conhecimento do herói por sua ação, no caso, seria algo exemplar. No entanto, em Carvalho, a ação movida pelo senso pragmatista, encaminha a pensar na irrelevância dos seres perante a coletividade.

O livro *Reprodução* foi vencedor do Prêmio Jabuti de 2014. Nele, podemos encontrar as linhas reflexivas de uma situação que no ano de 2026 se encontra numa fase exacerbada, que é a maquinaria reprodutiva da indústria da (des)informação decisiva na vida social, política e econômica. Realidade e factóide são lançados de uma maneira tal que pessoas e personagens desprovidos de senso crítico não conseguem distinguir e reproduzem *ad infinitum*.

A fim de adentrarmos no mérito do conteúdo romanesco, vemos como imprescindível fazer um retrospecto e compreender junto a Immanuel Kant, na *Crítica da Faculdade de Julgar* (2009), a definição da matéria da qual tratamos: “Mas por *sensus communis* deve se entender a ideia de um sentido comunitário, quer dizer, de uma faculdade de julgar que em ideia se atém em sua reflexão ao modo de representação dos demais” (p. 143). Justamente o que os personagens do romance de Bernardo Carvalho fazem ou são.

Julgam pelo que veem sem distinguir o individual do coletivo, são peças de uma grande engrenagem que reproduz o interesse de uma minoria. Então, podemos afirmar que o livro seminal de Kant serve não apenas para nos ensinar a distinguir a beleza natural da artística, mas também pode ser instrutivo, em se tratando de emitir um juízo estético acerca de um romance em que os personagens verbalizam muito, entretanto, sentem pouco do que dizem.

A esse respeito, consideramos que Carvalho é certeiro em captar o *Zeitgeist* em que nos encontramos, eivado pelo excesso de informação, muitas vezes, tomada enquanto conhecimento, sem criticidade, na qual o indivíduo se perde em meio à massa, perfazendo assim, uma realidade social desconectada de uma realidade estável.

2. Os seres da ficção

Ao tomarmos os principais personagens do romance *Reprodução* numa ótica interpretativa, o estudante de chinês, o delegado, a agente infiltrada, a professora de chinês, temos a perspectiva de cada um sobre a realidade, opiniões baseadas em informes, redes sociais e sites da Internet, todos têm sua verdade e querem que esta prevaleça.

Como Bernardo Carvalho traduz a realidade presente dos personagens, é uma das características estilísticas desse romance sintomático do tempo atual. Se tratássemos apenas do efeito causado pela realidade na narrativa, não faríamos jus ao romance em apreço, visto que isto é discutido desde Platão e Aristóteles. Mais próximos do nosso tempo, Roland Barthes (2004) tratando sobre o efeito de real, chama atenção para o alcance da descrição numa narrativa, segundo ele, "Bem diferente é a descrição: não tem qualquer marca preditiva; 'analógica', sua estrutura é puramente somatória e não contém esse trajeto de escolhas e alternativas que dá à narração um desenho de vasto *dispatching*, dotado de uma temporalidade referencial" (Barthes, 2004, p. 183). Para além da superfluidade da descrição numa narrativa, Barthes chama atenção para a ideia de que mesmo certos detalhes pareçam inúteis para o conjunto da narração, eles criam uma impressão de realidade, precisamente o que acompanhamos no romance de Bernardo Carvalho. O escritor por meio da verossimilhança construída com técnica e estilo próprios, encaminha o leitor a pensar no real criado com o que à primeira vista, parece um acumulado de falas, cheio de conotações ideológicas sem filtro, como podemos detectar neste trecho:

O senhor sabe que daqui a uns anos, se for pra seguir as previsões dos economistas, o 'cenário' [*ele faz o gesto das aspas com as mãos*], não é assim que se fala?,

o ‘cenário’ vai ser a China, maior economia do mundo? O senhor não leu que eles estão até pensando em instalar uma célula do PCC na estação espacial chinesa, com membros que vão ter no espaço as mesmas atribuições que eles têm aqui na Terra? (Carvalho, 2013, p. 15)

O contexto dessa fala é o depoimento do estudante de chinês ao delegado. Nisso, observamos que o romance todo é feito dessa junção de opiniões captadas de modo que os personagens não percebem a manipulação por trás das notícias oficiosas. Podemos apontar a verossimilhança na medida em que o arrazoado de palavras, por todo o livro, corrobora ao sentido maior do romance a fim de traduzir o tempo presente. Literatura na extensão exata do termo, o livro é dividido em três partes, a primeira, “A língua do futuro” centra-se na apresentação do personagem estudante de chinês apreendido no aeroporto no momento em que está de viagem para a China e é levado à uma sala do aeroporto para prestar depoimento.

No tecido narrativo engendrado por Carvalho, a aparente insignificância das falas, emendadas uma na outra, sem tempo para reflexão, é por outro tanto, a parte de sentido que é preciso atentar. É o que permite concordar com o pensamento de Roland Barthes no livro *O rumor da língua*, a respeito da importância da descrição para uma narrativa, nestes termos: “Primeiro é preciso lembrar que a cultura ocidental, numa de suas correntes maiores, não deixou de modo algum a descrição fora do sentido e a dotou de uma finalidade perfeitamente reconhecida pela instituição literária.” (Barthes, 2004, p. 184). A descrição tão presente no romance *Reprodução* muito mais que um mero recurso narrativo, é uma maneira do escritor se atrelar à tradição da escrita literária ao mesmo tempo que a inova por um processo de inversão. O aglomerado de palavras aparentemente sem sentido, vem a ser a exposição de um excesso, vazio por fora, mas merecedor de contemplação, justo para evitar a repetição dos modos de ver e pensar dos personagens.

No segundo capítulo do romance intitulado “A língua do passado”, o estudante de chinês continua seu depoimento, mas agora há a perspectiva mais incisiva da personagem agente infiltrada, que conta a sua versão dos fatos. Como nesse trecho:

Não tenho paciência. Não leio romances. Não tenho sentimento. Que é que você acha que eu fui buscar na igreja? Veja bem, antes de falar. Não peço nada além do que eu te dei. Não leio romance, não passo a vida fora da realidade, sendo gongada em prova pra faculdade de direito, como sua queridinha. Você acha que fui sincera com você? Você acha que uma pessoa

que não acredita em mais nada vai parar na igreja? Só pra ser humilhada? (Carvalho, 2013, p. 77).

Nessa interferência da personagem há um diálogo mudo com o delegado, porque seguindo um perfil das criaturas ficcionais da narrativa, não encontramos a resposta. As perguntas são erigidas como simples recurso retórico, não há possibilidade de interação entre os seres romanescos. Importante observar que a agente infiltrada segue na linha da reprodução de pensamentos que, para ela, é uma questão de sobrevivência em sociedade: “Tem que se igualar, compartilhar, reproduzir” (Carvalho, 2013, p. 70).

Passando ao interrogatório do estudante, conduzido pelo delegado, feito desde o saguão do aeroporto, depois no elevador e, por fim, numa sala sem janelas, a própria descrição do espaço junto à dinâmica da pergunta e resposta, reforça a sensação de opressão que, em *Reprodução*, tonaliza a instabilidade do real construído artisticamente pelo escritor. Carvalho enquanto um dos romancistas mais aclamados da literatura brasileira contemporânea, organiza seu enredo de modo a que a forma abarque um conteúdo no qual a incerteza paute o que, na ambiência narrativa se denomina de realidade. Assim, entendemos que a escolha estética de Carvalho pela descrição, não significa a modo do Romantismo uma maneira que o escritor tem de fazer ver a coisa descrita. A injunção de palavras, pelo contrário, provoca o olhar do leitor a não se satisfazer com o excesso no que é dito, mas enxergar nisso, o que falta, o silêncio significante.

No terceiro capítulo, “A língua do presente”, o estudante de Chinês continua a expressar suas “opiniões” e no centro de tudo, a valorização da parte dele, sobre a língua chinesa, a língua do presente, informações extraídas dos jornais que ele se vangloria de ler. O capítulo faz a amarração entre todas as ideias que cabem na *Reprodução*. Destaca o porquê do estudante não aprender a língua estrangeira, pois a reprodução sem fim das frases decoradas, dos tons a serem utilizados, não foram incorporados; há a reprodução incessante da afirmação de que ele não era gay e o motivo dele não querer reproduzir, causa do abandono da mulher. Contudo, neste capítulo, entre as páginas 160 e 167 há uma transformação do narrador, ao se mostrar mais humano, sensível, dá um passo decisivo para interromper a repetição do tráfico de entorpecentes e humano. Isso acontece na voz narrativa tanto na terceira pessoa quanto no personagem, o estudante de chinês. O narrador que vê os fatos de fora e analisa os gestos; o personagem considera o fato de salvar a criança do tráfico e levar aos pais adotivos na China, avalia o mundo repetindo comportamentos, mas é capaz de chegar à conclusão (vemos como a do escritor):

apesar de tudo o que possa ter dito sobre a condição humana e apesar de tudo o que possa ter dito sobre não querer reproduzir esse mundo do qual eles dois fazem parte, cumpriu a tarefa que lhe foi atribuída, contrariando a sua natureza, os seus princípios e as suas convicções: entregou a menina sã e salva aos pais adotivos da professora de chinês, que se chamava Liuli, Lazurita (Carvalho, 2013, p. 164)

Em se tratando do excesso de palavras adotado pelos personagens ao longo da trama ficcional que, por meio da adoção de frases feitas, palavrões, numa interminável reprodução do que aparece comumente em sites, *blogs*, redes sociais, resumos de notícias de jornais, pretendem expor suas opiniões, independentemente qual seja o assunto. Como podemos observar nesta parte do livro, na fala da agente infiltrada:

Sexo oral? Até metade da humanidade pegar gonorreia na garganta. E parar de falar. Aí é que eu quero ver. Oi? Gonorreia é o de menos. Leia, sim. Bactérias resistentes. A garganta é um celeiro. Quem? Os cientistas. Os médicos. Por seleção natural. Os cachorros não têm gonorreia. Gonorreia só dá em humanos. Leia. Leia. (Carvalho, 2013, p. 97)

Temos nesse arranjo de falas tanto de narrador quanto de personagens, um estilo bem particular de Bernardo Carvalho compor sua literatura, visto termos o contrário do que as palavras repetidas deixam transparecer. Conforme lemos em Maurice Blanchot: “com palavras pode-se fazer silêncio. Pois a palavra pode também se tornar vã e dar, por sua própria presença, a impressão de sua própria falta.” (1997, p. 43). Então, podemos arriscar que por trás do excesso de palavras, Carvalho convoca o silêncio necessário para encaminhar a reflexão que falta no interior de sua narrativa.

A agente infiltrada, diríamos, uma personagem singularizada na trama, depois de frequentar um clube de encontros e trabalhar em uma igreja neopentecostal, para uma investigação, também segue a trilha das opiniões sobre tudo que lhe aparece à frente.

Você acredita? E depois eu é que marcho com Jesus pela salvação do Brasil! O índio caiu do céu, na hora e no lugar errado! Palavras dele. Está escrito. Desse jeito. Não quer? Prefere não ler, tudo bem. Parece MPB. Até hoje, só tinha ouvido falar em índio caindo do céu em canção da MPB. Você não guarda as músicas da sua juventude na cabeça? Nenhuma? Não gosta de

lembrar? [...] Você não pode ter tudo, as suas lembranças e as dos outros. (Carvalho, 2013, p. 105)

Arriscariamos se tratar de uma figura central para a narrativa visto encarnar a duplicidade, a máscara, a ambiguidade humana no papel representado. Inicialmente identificada como colega do delegado na trama, que apreendeu o estudante de chinês, sua entrada em cena põe mais complexidade na narrativa. O fato da agente se infiltrar em uma igreja neopentecostal, sobrepõe o mero detalhe identitário da personagem para sugerir uma implicação temática mais aprofundada. Na estratégia narrativa adotada por Bernardo Carvalho, isso equivale ao seu olhar para a interação no jogo do poder entre o Estado, a Igreja e o controle social no Brasil atual. Assim, na medida em que observamos a presença e atuação central dessa personagem na trama narrativa, podemos fazer sua leitura não como mero adereço do enredo, mas como um fino comentário sociopolítico por parte do escritor.

Importante mencionar no quesito dos personagens de *Reprodução*, que diferente dos demais, a professora de chinês é identificada pelo nome, Liuli, o que antes de parecer um privilégio, é igualmente uma maneira do escritor anunciar como o ser humano é contemplado na sua narrativa:

Liuli, Lazurita. Mais uma filha! É! Telha vitrificada. É o nome, Liuli. [...] Lazurita. Ou Cristal, se fosse brasileira. Tradução livre, né? Liuli também quer dizer Mendiga Miserável. Duplo sentido, não. Depende do tom. Não, ela não disse nada. Fui ver no dicionário. Quase tudo na vida não quer dizer o mesmo e o contrário? Então? Em chinês é pior. Liuli. Cristal e mendiga miserável. (Carvalho, 2013, p. 25)

Para além da maneira como o nome da Professora é mencionado, definido, explicado pelo estudante de chinês, o faz por meio de frases curtas, entrecortadas, tentando parecer que ele enxerga muito mais longe do que o sentido dicionarizado. O modo como a definição é apresentada, revela também a ambiguidade perpassada por toda a narrativa. Não só no perfil dos personagens, mas na comunicação entre eles. Isto porque o fato de Liuli ao final da trama, terminar como a figura dúbia, acossada pelo medo e reduzida a um trabalho massacrante num cubículo da loja, reforça a imagem do humano e seus impedimentos de expressividade. Algo condizente com a realidade presente no romance *Reprodução*.

3. A literatura inscrita na trama

Após traçarmos um perfil dos personagens centrais de *Reprodução*, é imperioso destacar que Bernardo Carvalho é autêntico em compor sua narrativa com o que acreditamos ser sua perspectiva de literatura: “uma experiência que ilusória ou não, aparece como um meio de descoberta e de esforço, não para expressar o que sabemos, mas para sentir o que não sabemos.” (Blanchot, 1997, p. 87). Vemos isso no romance em apreço, porque o livro faz sentir a transitoriedade, o que marca a narrativa como expressão do tempo atual, embora tenha sido publicado há doze anos.

A reprodução que tanto se discute ao longo da narrativa, também se faz sentir por meio da errância dos personagens, visto todos procurarem identidade e sentido. No que se configura a obra literária, visto, [a obra] “só se realiza então através de uma busca infinita, pois é próprio da origem ser sempre velada por aquilo de que ela é a origem.” (Blanchot, 2011, p. 255). Essa busca infinita seja no conjunto da narração, seja no corpo do texto com os objetivos pontuais dos personagens, uma vez serem estes a criatura do escritor, também “o poeta o errante (...) aquele que é privado da presença firme e da morada verdadeira” (p. 259). Logo, temos na fragmentação das vontades, dos desejos insatisfeitos dos seres criados com palavras, um retrato da transitoriedade de nosso tempo. Inclusive, no romance aparece textualmente: “O máximo que você pode fazer por você mesmo é errar. Tentar e errar, sempre” (Carvalho, 2013, p. 100). Assim podemos ler o estudante brasileiro de chinês, está a caminho, situado entre o Português e o aprendizado do Chinês; No Brasil, no aeroporto em direção à China, em seu retorno ao Brasil em busca da professora de Chinês. O delegado da polícia federal no aeroporto, no saguão, na sala, ouvindo impacientemente o estudante de Chinês, com vontade de agredir fisicamente e impedido pelas circunstâncias.

No direcionamento de inscrever o modo de fazer literatura no bojo da própria literatura, temos em Bernardo Carvalho um escritor pleno de seu projeto estético. Desde *Nove Noites* (2002), enxergamos uma perspectiva de colocar seus personagens a caminho de um ideário aparentemente despretensioso, entretanto, carregam em seu interior uma ânsia por respostas ancestrais. A errância de que trata Blanchot com maior ênfase se imiscui nas linhas de *Reprodução*.

Conforme já mencionado, o fato de a maior parte dos entes ficcionais não serem nomeados e o narrador, por vezes, em terceira pessoa, enfatizar sobretudo o que eles fazem em detrimento do que eles são, já atrai o olhar interpretativo para a manipulação dos fatos

narrados. Mais uma estratégia adotada pelo escritor para o fato da literatura em construção ser uma metáfora para a vida em debate. O que nos conduz à leitura do livro *A metáfora viva* (2000) de Paul Ricoeur. Neste, o deslocamento a que a metáfora faz pensar, principalmente no tocante à realidade a que a literatura não se dissocia, posto que “Se a *mímesis* comporta uma referência inicial ao real, essa referência designa o próprio reino da natureza sobre toda produção. Mas esse movimento de referência é inseparável da dimensão criadora.” (Ricoeur, 2000, p. 69). Podemos entender essa perspectiva com o romance de Bernardo Carvalho, quando ele por meio da reprodução de estereótipos com personagens e falas cotidianas do senso comum, serem por outro tanto, um sinal de alerta ao ser que não se satisfaz com informações muitas vezes infundadas. Nisso podemos localizar o deslocamento a que a metáfora serve. Outra possibilidade interpretativa é o entendimento d’o poder da metáfora de projetar e de revelar um mundo” (Ricoeur, 2000, p. 146). À semelhança do que pensamos estar no cerne do projeto estético de Bernardo Carvalho, por meio dessa reprodução incessante do senso comum, revela-se o insólito do não questionamento das verdades aceitas e internalizadas. Eis o real dessa maneira significado pela ausência de significado, assim nossa interpretação para o efeito em causa.

4. No fim, o começo

No romance *Reprodução*, Bernardo Carvalho coloca no processo da escrita narrativa o compasso de uma humanidade fragilizada pela não interação. Portanto, num mundo em que todos falam mas ninguém se entende, a linguagem do romance é reveladora do que a reprodução denuncia. É um universo de perguntas sem respostas ou de respostas previsíveis à maneira de satisfazer o próprio ego de quem entabula a pergunta. No traço narrativo, as frases curtas, objetivas, esticadas ao limite, fazem pensar nessa comunicação enviesada, de um que fala numa suposta coerência discursiva, mas reveladora de monólogos arranjados, conforme compreendemos essa criação literária de Bernardo Carvalho. Assim, é perfeitamente plausível afirmar que “Quando adentramos na linguagem da obra, tecnicamente trabalhada pelo autor, damo-nos conta de que, nos três episódios, há um mosaico de falares justapostos que se alternam e revelam violências, exclusões e preconceitos.” (Bulhões e Enedino, 2015, p. 48).

Personagens sem nome, narrativa sem ordenação linear, linguagem depreciativa, revelam um contexto primado pelo isolamento, às vezes estão próximos fisicamente, mas

distantes na fragmentação nossa de cada dia. Com um interior eivado de insatisfação, o estudante de chinês, o delegado, a agente infiltrada, a professora de chinês, se mostram a caminho da compreensão, sem nenhuma garantia de sucesso, como a própria narrativa diante da vida atual.

A literatura nas mãos de Bernardo Carvalho encaminha a pensar e sentir um tempo repleto de máscaras, de verdades absolutas erguidas e ao mesmo tempo destruídas pelo senso comum que se mostra, se impõe e se desfaz pelo ridículo da situação e opiniões aventadas. Com isso, o escritor consegue construir um painel de conhecimento do que é a realidade capturada nas linhas literárias, escancarada não no fator referencial mas decididamente no discursivo. Irônico, às vezes sarcástico, pela perspectiva do narrador ou no perfil de seus personagens, Carvalho cria a literatura com palavras as quais, em excesso, fazem pensar no seu contrário, de acordo com o anunciado por Maurice Blanchot em *A parte do fogo* (1997): “com palavras pode-se fazer silêncio. Pois a palavra pode também se tornar vã e dar, por sua própria presença, a impressão de sua própria falta.” (p. 43).

É exatamente o que pontuamos como ausência na vida dos personagens, modo de construir por meio de suas falas, em seu excesso, a expressão da metáfora viva. Falta o silêncio da reflexão, o ouvir para interpretar e não simplesmente incorporar o que veem, leem ou assistem. Na ânsia de dizerem, os personagens emitem seus pensamentos na medida em que eles aparecem e não medem consequências. É uma maneira encontrada pelo escritor de mostrar o mundo da incompatibilidade na comunicação, não há interação, apenas introjeção, reprodução.

Referências

CARVALHO, Bernardo. **Reprodução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BARTHES, Roland. "O efeito de real" In: **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. Tradução de Ana Maria Sherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BULHÕES, Ricardo Magalhães e ENEDINO, Wagner Corsino. "Reprodução, de Bernardo Carvalho: Uma fala desordenada como representação da instabilidade do real". In: **Revista Raído**, Dourados-MS, v. 9, n. 20, 2015.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade de julgar**. Tradução de Daniela Botelho B. Guedes. São Paulo: Ícone, [1790] 2009.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000.